



Sobre a inquietação das mentes insubmissas, fluências e confluências na obra de Paulo Bruscky: entrevista com o artista

Por Madalena Zaccara

Universidade Federal de Pernambuco, Recife-PE, Brasil.
(Com o apoio estratégico-logístico de Itamar Morgado¹)

A obra de Paulo Bruscky não se reduz a estilos, meios ou temas. Ao longo de quarenta anos, o artista fez pinturas, objetos, instalações, performances, livros de artista, arte postal, audioarte, videoarte, xerografia, filmes e eu, com certeza, devo ter esquecido algum recurso utilizado por ele que se expressou, sem qualquer hierarquia, através dos múltiplos meios ou conceitos por ele utilizados ao longo de sua trajetória.

Seu fazer artístico não conhece fronteiras do pensar, questionar ou executar e se comporta como forma de resistência aos limites impostos pelas várias instâncias de legitimação artística. Nada o deteve, nem mesmo as fábulas ou os sonhos. Ele os projeta, nem sempre constrói, mas os deixa arquivados a espera, talvez, de outro sonhador que consiga realiza-los e concretizar, enfim, a sua imaginada “máquina de filmar sonhos” ou aquela aurora boreal programável para eventos performáticos.

Bruscky foi pioneiro na utilização de novas mídias e baseou sua arte na experimentação e no compartilhamento. Considerada por seu conjunto, sua obra é um contínuo espaço de trânsito e contágio. Acreditou nas trocas e na produção conjunta. Durante duas décadas trabalhou com Daniel Santiago na equipe Paulo Bruscky & Daniel Santiago (B&S) que só deixou de produzir obras em 1992. A prática da Arte/Correio, concebendo-se como processo de interferência criativa sobre o “meio”, por exemplo, traduz esta sua preocupação com o diálogo que incluiu também outros artistas parceiros e cúmplices, além de Santiago, provenientes das

¹ Graduado em Artes Plásticas e Mestre em Artes Visuais pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE)

mais variadas geografias tais como J. Medeiros, Ângelo de Aquino, Regina Vater, Leonhard Frank Duch, Unhandeijara Lisboa, Regina Silveira, Samaral, Ypiranga Filho, Ismael Assumpção, Cláudio Ferlauto, Falves Silva, Ivan Maurício, Mauricio Fridman, Gabriel Borba, AnnaBella Geiger, Bené Fonteles entre tantos outros .



Imagem 1 – *Arte Postal*, 1976. Fonte: Acervo pessoal Paulo Bruscky

AÇÃO POSTAL - POSTAÇÃO 1975

EXPOSIÇÃO GALERIA ANTENUEVO: O ENVELOPE FOI PERDIDO NO MEIO DA GALERIA E OS SLIDES DOCUMENTÁRIOS A AÇÃO POSTAL FORAM PERDIDOS JORNALISMO O PAPEL/ENVELOPE QUE JÁI DE DEIXAR DO MEJMO ATÉ SE PROLOGAR P/CHÃO.



Paulo Bruscky - Recife - PE - Brasil, 1975

HOJE, A ARTE É ESTE COMUNICADO
TODAY ART IS THIS COMMUNICATED
paulo bruscky



Via Aérea

POSTAÇÃO 1975 AÇÃO POSTAL DE PAULO BRUSCKY

O ARTISTA CONFECCIONOU UM ENVELOPE DE 1,80 X 0,90M CONTENDO UMA CARTA DE 5 FOLHAS. A AÇÃO POSTAL FOI DESENVOLVIDA NA CIDADE DO RECIFE, EM 1975. O ENVELOPE FOI CONDUZIDO PELO ARTISTA E OUTRAS PESSOAS DESDE A LIVRARIA LIVRO 7, NA RUA 7 DE SETEMBRO, RECOMENDADO A AU-CONDE DA SOA VISTA E AV. GUARARAPES ATÉ CHEGAR NO EDIFÍCIO CENTRAL DOS COMÉCIOS. A SITUAÇÃO COM A CHEGADA DO ENVELOPE ARTISTA/PÚBLICO FOI DOCUMENTADA EM SLIDES, QUE SEGUIRAM JUNTOS COM O ENVELOPE PARA A GALERIA ANTE NUEVO, EM BUENOS AIRES ARGENTINA, ONDE SE REALIZOU A "ULTIMA EXPOSICION DE ARTE POR CORRESPONDENCIA 75", ORGANIZADA POR HORACIO ZARALA E ROGERIO VIBO.

Imagem 2 – Arte Postal, 1975. Fonte: Acervo pessoal Paulo Bruscky

Durante toda a sua vida travou contato com aqueles que partilhavam sua necessidade de experimentações. Trocou correspondências e ideias com membros do Fluxus e do Gutai, entrou em contato com artistas das mais diversas partes de um então ainda vasto mundo a partir do seu lugar, do universo do seu ateliê de Recife, cidade de onde nasceu e reside e de onde se conectou com o planeta.

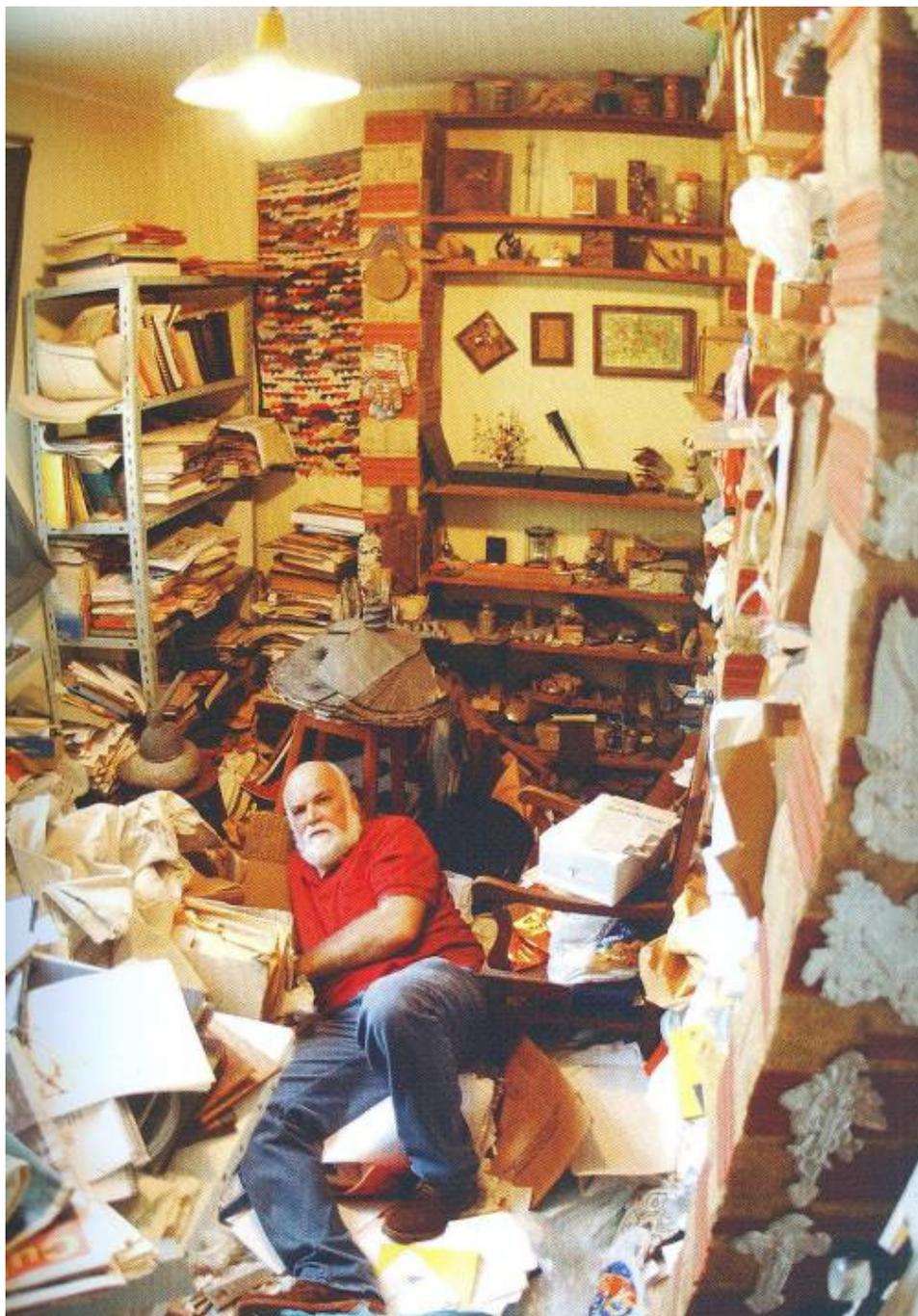


Imagem 3 – *Ateliê do artista*, 2004. Fonte: Acervo pessoal Paulo Bruscky

A liberdade conceitual, imaginativa e perceptiva das suas práticas artísticas envolve a política de se colocar além das servidões e grades que burocratizam e regulam a arte e a vida. A década de 60 e a ditadura militar no Brasil, por exemplo, não o detiveram. Bruscky fez uso de arte postal, colagem, livros de artista, poesia visual e intervenções de jornal para lançar suas críticas sobre a situação política do país por vezes entrando em conflito frontal com o sistema repressivo daquele momento (o que lhe rendeu algumas prisões) com ações tais como a de colocar no Rio Capibaribe, em Recife, caixões de defunto, com mensagens consideradas subversivas nos esquifes, que boiavam até serem capturados pela polícia.

Suas estratégias de resistência, envolvendo arte e política, questionam o poder, o pouco poder, de intervenção do artista no sistema de valores simbólicos como o circuito da arte, por exemplo. O seu trabalho alarga o campo do sensível através de seus desdobramentos levando para as ruas perguntas que propõem diálogos com a indiferença das pessoas no seu dia a dia automático. "O que é arte? Para que serve?", é uma das questões que propõe utilizando, para tanto, recursos da publicidade que são familiares do cotidiano das multidões anônimas: os homens-cartazes que ainda circulam nas cidades brasileiras. Ele mesmo responde à própria pergunta quando afirma que "A Arte ainda é a última esperança" em uma de suas obras que compõe e intitula a sua retrospectiva realizada em 2013 no Bronx Museum em Nova York.

A arte arrasta sempre a magia na sua sombra, o encanto do enigmático, a inquietação das mentes insubmissas, a incompletude do estabelecido, a procura da transcendência, a vontade de superação do conseguido. Em si isso se constitui em um alento nesse mundo de pouca esperança. O artista pode abrir caminhos, resistindo e isolando-se do ruído circundante, do grande espetáculo que é promovido e gerar novas propostas e ressonâncias. Bruscky resgata esse olhar libertário sobre a capacidade de arte de criar e modificar quem e o que ela toca e, otimista, produz uma "Vacina contra tédio", juntamente com Daniel Santiago onde a arte é o antídoto antimonotonia para todos nós.



Imagem 4 – *Confirmado! É arte*, 1977. Fonte: Acervo pessoal Paulo Bruscky

Sua obra é também o seu ateliê. A ação de arquivar os vestígios de suas ações e daqueles criadores que fizeram parte de sua utopia gerou o seu acervo-obra que é também seu modo de lidar com a criação, de criar relações e juntar ações. Tudo e todos se encontram entre suas paredes: obras do artista de ontem e de hoje; trabalhos de incontáveis outros criadores das mais diversas e distantes geografias; restos de antigas instalações convivendo com projetos não executados ou com planos de concretização; documentos que remontam ao início do século XX sobre criadores já esquecidos (Fedora do Rego Monteiro, tão procurada por mim em Paris mora em suas estantes) e toda a sorte de objetos que atraiu a atenção do artista em suas andanças pelas ruas do mundo.

Seu ateliê é pertinente ao domínio estético na medida em que se posiciona para além da própria história servindo como fonte de inspiração e diálogo para o artista. Seu trabalho necessita do convívio para existir, inclusive esse que se processa en-

tre as paredes do espaço no qual o artista habita, trabalha e guarda as memórias dos diálogos que buscou ao longo de sua trajetória. Mas, sua proposta de reeducação da percepção sensorial através da arte foge das paredes do seu ateliê-arquivo e ganha as ruas históricas do bairro da Boa Vista, em pleno coração do Recife, com grafites que convidam o transeunte, mesmo o mais descuidado, a olhar para o entorno, a (re) viver a cidade e a olhar como quer Bruscky, para um RECIFELIZ.



Imagem 5 –Paulo Bruscky, Madalena Zaccara e Itamar Morgado durante a entrevista no ateliê de Paulo Bruscky, Recife-PE, maio/2015. Fonte: Madalena Zaccara e Itamar Morgado

Entrevista

MZ: O artista Paulo Bruscky trabalhou e trabalha com múltiplas linguagens artísticas. Artista multimídia e poeta ele usa performance, arte-xerox, arte postal, livros de artista, audioarte, videoarte, artdoor entre outras formas de expressão. Como você situa essa sua poética do plural, do interdisciplinar, das fluências e confluências, no final da década de 60, em uma cidade como Recife então conservadora e pouco aparelhada em relação às artes visuais. Havia diálogo com seus pares e com o público?

PB: *Quanto às minhas experimentações no Recife, desde os anos 60, com participação no Poema/Processo, até a época atual, sempre tive mais amigos que trabalham com literatura e música. Em parte, o meu isolamento sempre foi por opção pessoal. A crítica de arte no Recife é muito recente, o que é muito bom, porque analisávamos e escrevíamos sobre nossos próprios trabalhos.*

O Recife sempre foi uma cidade tradicional e conservadora, mas ao mesmo foi palco de iniciativas revolucionárias e pioneiras, não só na política, como na cultura: O Gráfico Amador foi o mais importante movimento das artes gráficas no Brasil no século XX. O Movimento de Cultura Popular- MCP, criado em 1961, foi tão significativo, que influenciou a criação dos Centros Popular de Cultura (CPCs) no Rio de Janeiro e São Paulo entre outros estados. Em 1930 é realizado o Baile Surrealista do Recife, organizado por Percy Jan, Soares e Augusto Rodrigues. Este último fez toda a decoração do baile com rótulos de remédios conhecidos na cidade: do xarope Santo Antônio às pílulas reguladoras de prisão de ventre. As cadeiras foram coladas no teto e o baile foi encerrado antes da hora prevista. Ainda em 1930, Vicente do Rego Monteiro, com a colaboração de Geo-Charles, traz ao Brasil a exposição "A Escola de Paris," exibida no Recife, Rio de Janeiro e São Paulo, incluindo cerca de cinquenta artistas, entre eles, Picasso, Léger, Braque, Gris, Severini, Marcoussis, Lhote, Joaquim do Rego Monteiro e Fougjita. Em 1937 surge o primeiro Jardim Ecológico do Brasil, projetado por Burle Marx, no Recife. No ano de 1952, antecipando-se ao Movimento da Poesia Concreta, Vicente do Rego Monteiro lança o seu livro Concrecion. Para finalizar, faço o registro do Manifesto/Boicote à Pré-Bienal de São Paulo, realizada no Parque da FECIN, na Jaqueira, no Recife, em 1970. O Manifesto foi organizado pela Associação dos Artistas Plásticos

Profissionais de Pernambuco e assinado por 25 artistas que se rebelaram contra o evento: Josael de Oliveira, Thiago Amorim, Anchises, Ypiranga Filho, Paulo Bruscky, Bernardo Dimenstein, Silvio Hansen e Wellington Virgolino, entre outros.

MZ: Os coletivos em Recife são uma práxis tradicional. Bruscky & Santiago foram precursores. Como você vê essa troca de saberes, esse pensar e produzir de forma conjunta dos artistas pernambucanos, ontem e hoje?

PB: *Eu sempre participei de trabalhos em equipe desde os anos 60, a exemplo de Silvio Hansen, Unhandejara Lisboa, Sérgio Lemos, Ypiranga Filho, Ulises Carrion, Flávio Pons, Marconi Notaro, Luca Mitti, Cláudio Goulart, Clemente Padin, Falves Silva, Jota Medeiros, entre diversos outros, sendo que a Equipe Bruscky e Santiago foi a que mais perdurou, e cada um tinha seu trabalho individual e em equipe com outros artistas. Acho que o Recife é a cidade brasileira que teve mais coletivos, desde a Sociedade de Arte Moderna, nos anos 50, passando pelas Brigadas Políticas, Grupos como o da Ribeira, Oficina 154, Guaianases, Molusco Lama, Formiga Sabe que Roça Come, Camelo, Carasparanabuco, Carga e Descarga, Valdisnei, Aleph e Subgraf, entre dezenas de outros.*

MZ: Durante toda a sua vida artística de incursões experimentais você se relacionou com outros artistas que partilhavam esse desejo de desbravar e mapear novos caminhos. Como se processaram as trocas com artistas em várias partes do mundo e com movimentos como o Fluxus, por exemplo, a partir do seu ateliê pernambucano?

PB: *Ezra Pound dizia que você tem que conhecer bem a sua aldeia, para depois conhecer o mundo. Toda minha trajetória artística foi construída a partir do Recife. Através do Poema/Processo eu já tinha alguns contatos com artistas da América Latina e, a partir de 1973, quando entrei no Movimento Internacional de Arte Correio, o mundo, já previsto por MacLuhan, tornou-se uma Aldeia Global. A Arte Correio é o único movimento sem nacionalidade, o subterrâneo estoura no mundo todo ao mesmo tempo. Todas as tecnologias/novos meios de comunicação que surgiam, eram incorporados, até chegar no Fax ("Assim se Fax Arte", Bruscky), que já era transmissão em tempo real. A primeira transmissão de Fax Arte realizada no Brasil, foi em 1980, entre Paulo Bruscky (no Recife) e Roberto Sandoval (em São Paulo). Os artistas correio trabalhavam em rede e com cons/ciência de rede. Para nós, o uso da internet como rede foi uma consequência lógica em fun-*

ção de tudo isso. Hoje, a arte é este comunicado. Desde o início dos anos 70 venho mantendo contato com integrantes do Grupo Fluxus, a exemplo de Ken Friedman, Dick Higgins, Robin Crozier e John Cage. Do Fluxus, tenho em meu Arquivo, cerca de 1.500 obras, correspondências, publicações, documentos. Quanto ao Grupo Gutai, surgido no Japão em 1956, mantive contato com Saburo Murakami e Shozo Shimamoto.

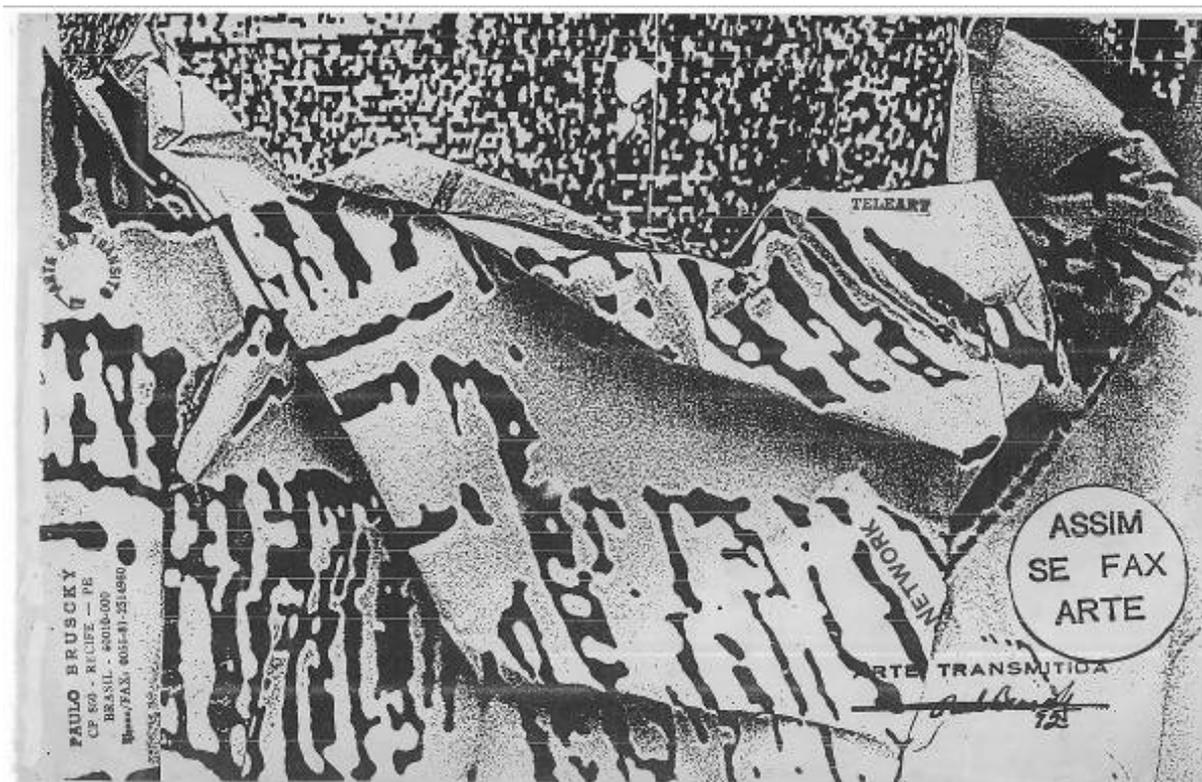


Imagem 6 – *Assim se Fax Arte*, 1992. Fonte: Acervo pessoal Paulo Bruscky

MZ: Paulo Bruscky é conhecido pelo seu acervo documental, pela guarda do que lhe parece relevante para você e para os outros. Como você situaria seu ateliê-arquivo como espelho de sua obra artística?

PB: *Mantenho em meu Arquivo cerca de 70.000 itens de Arte Contemporânea e 50.000 de arte pernambucana (de Nassau a 2015). Tudo isso, com a misturação com a minha trajetobra: é a minha VidArte.*

MZ: Em sua obra algumas pesquisas são consideradas como 'projetos inviáveis' tais como o de querer colorir o céu com ajuda de químicos e físicos. Como se

processou o exercício das trocas de saberes com possíveis parceiros em relação a obras que deveriam ficar no plano da imaginação?



Imagem 7 – *Ensaio*, 2008. Fonte: Acervo pessoal Paulo Bruscky

PB: *Alguns projetos eram inviáveis para a época, hoje não são mais. Santos Dumont tem uma frase que eu gosto muito "tudo o que um homem pensar, outros poderão realizar". No trabalho similar ao de colorir as nuvens, que é aurora tropical boreal artificial, também de 1974, após saber que a NASA havia realizado com sucesso uma experiência de aurora boreal artificial, encaminhei uma carta através do Consulado Americano propondo fazer um treinamento e em um dos foguetes realizar o projeto. Até hoje aguardo uma possível resposta. Tenho em meu atelier uma série de livros intitulados Bancos de Ideias, e neles vou colando todos os meus projetos, desde os anos 60. Para realizar tudo o que já pensei, seria necessário eu viver, pelos menos, 200 anos.*

MZ: O processo de globalização provoca o rompimento da associação imediata entre lugar, identidade e cultura. Nesta realidade contemporânea globalizada, qual o poder da arte de restabelecer identidades e fortalecê-las? Como Bruscky vê sua cidade e sua memória em sua obra?

PB: *A Arte Ainda é a Última Esperança. Sobre o Recife, respondo com esse texto:*

AR-RECIFES de POESIA de PBY

O Recife em Prova e Prosa

Roteiro I

O Recife da poesia sonora dos sapos franceses: ui, ui, ui, ui...;

O Recife dos ventos uivantes;

O Recife das Artes e dos Artistas;

O Recife da artdoor, transformando a cidade numa grande galeria a céu aberto;

O Recife do baixo meretrício com a boate Chantecler servindo de galeria e eu na prisão;

O Recife da pintura a óleo comestível;

O Recife da Geo/rádio/grafia: como parte e sendo a minha própria obra: poetiCidade;

O Recife do poema/processo ao visual da Poazia;

O Recife das minhas presepedas trazidas da infância para o ser infante;

O Recife dos mo(vi)mentos liberta/dores

O Recife das aspirinas de João Cabral de Melo Neto;

O Recife das assombrações de Gilberto Freyre;

O Recife das fantasias tropicalistas de Manoel Bandeira para o carnaval de 1938;

O Recife do modernismo de Ascenso Ferreira e Benedito Monteiro;

- O Recife do multiartista Vicente do Rego Monteiro;
- O Recife das entre/vistas de todos e do Nadaísmo;
- O Recife da cheia, da des/grança (do bairro aos telegramas glub, glub, glub e obras de lama);
- O Recife dos mercados (de arte) públicos por bairros;
- O Recife das Personas sem sentidos;
- O Recife de Campo Grande ao Sossego, via Boa Vista, Graças e Oh, linda cidade;
- O Recife do buraco de Otília, com de tudo um pouco e outros bares e lupanares: Venda do Seu João, Leiteria, Gregório, Tita, Gragantino, Espanhol, Samburá, Tepan, Gambrinos, Mangueirão, Chantecler, entre outros Eus;
- O Recife da Palarva e da palavra;
- O Recife da Poesia Viva e da Arte Cemiterial;
- O Recife da Lógica x Acaso;
- O Recife para Credelever;
- O Recife do Arte/Pare e de Silhuetas;
- O Recife do Humo(i)ronia;
- O Recife da Cotidiarte;
- O Recife da Arte em Trânsito e em Todos os Sentidos;
- O Recife em Recife: respirando o Recife, a primeira lembrança é arte;
- O Recife: hoje a arte é este comunicado.

Paulo Bruscky
Recife, 01/08/08

MZ: A ação artística identifica-se com a produção de subversões pontuais e simbólicas do sistema. A liberdade conceitual, imaginativa e perceptiva das práticas artísticas que envolvem a política pode abrigar uma (re) conceitualização da palavra utopia, uma atualização de seu sentido? Existe uma utopia brusckyana?

PB: *Sim, é como você corrigir a palavra ERRATA.*

MZ: Nicolas Bourriaud teorizou a proposta de uma arte ligada a uma estética relacional que cria diferença no consenso legitimado de mundo e religa vínculos sociais perdidos. Uma estética que se pauta em função das relações inter-humanas. Como Paulo Bruscky vê essa possibilidade do "outro" como objeto de investigação artística?

PB: *Respondo com um trabalho meu, no qual está escrito em um espelho CÓPIA CONFORMA ORIGINAL.*

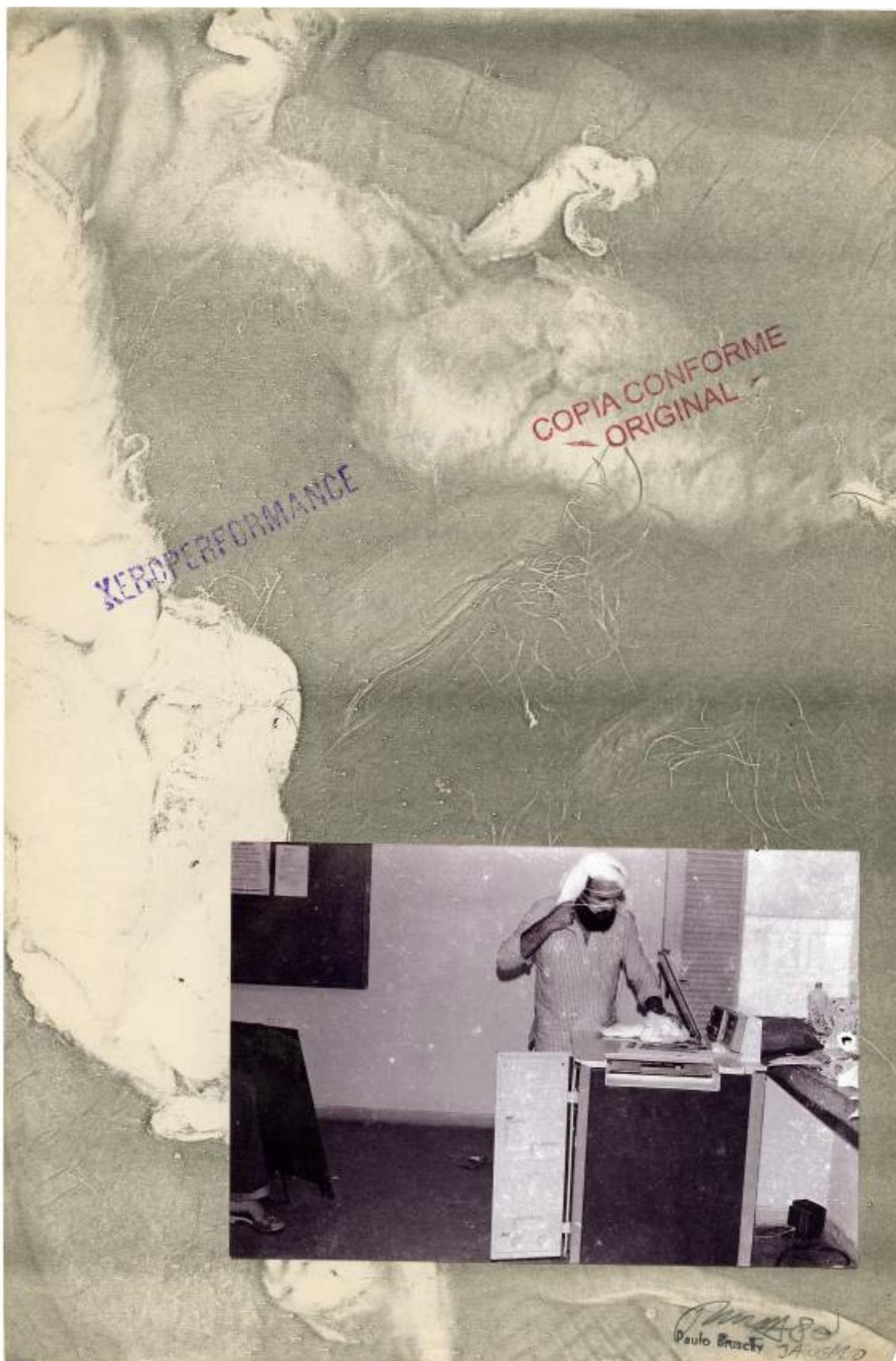


Imagem 8 – *Cópia conforma original*, 1980. Fonte: Acervo pessoal Paulo Bruscky

MZ: No contexto de uma hegemonia globalizada pensar coletivamente o “glocal” seria uma forma de reação e transformação a uma homogeneização crescente. Como foi pensar “glocal” antes de existir o conceito?

PB: *A questão está abrangida em uma de minhas respostas acima, quando falo da Arte correio.*

MZ: Poderíamos encerrar essa entrevista com um autorretrato textual do artista Paulo Bruscky?

PB: *O meu Alto-Retrato é 1,78 m e os meus Dados Biográficos começam com o lance de dados de Mallarmé. Ninguém me acompanha porque não sou novela.*

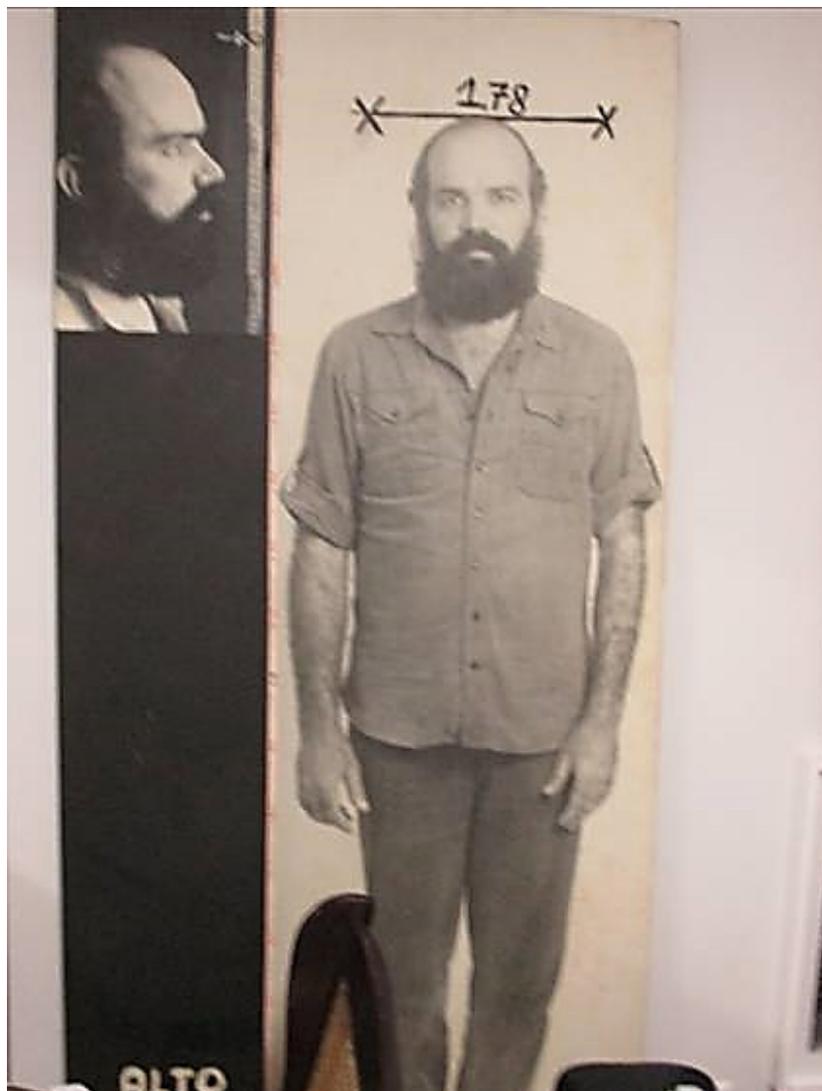


Imagem 8 – *Alto-Retrato*, 1980. Fonte: Acervo pessoal Paulo Bruscky